

Relatório de Gestão – Jun/20

Rio Ações FIA

Ações				
FUNDO	% JUN/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO AÇÕES FIA	13,55	-6,52	26,50	687,58
IBOVESPA	8,76	-17,80	-5,52	113,70
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE				
	% JUN/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,00	0,11	0,32	41,01
Large Caps	3,09	-7,71	-7,53	123,11
Mid Caps	11,03	2,24	37,10	614,67
Small Caps	-0,17	0,04	4,11	78,56
Custos	-0,41	-1,20	-7,51	-169,77
Total	13,55	-6,52	26,50	687,58

início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

O Rio Ações FIA obteve uma valorização de **13,55%** durante o mês de junho/2020 em comparação a uma alta de **8,76%** do Ibovespa. Ao longo dos últimos 12 meses, o fundo acumula ganhos de **26,50%** contra uma desvalorização de **-5,52%** de seu *benchmark*.

No período em análise, a crise política no Brasil foi reduzida após a prisão do ex-assessor de Flávio Bolsonaro. A possibilidade de um acordo de delação premiada de Fabrício Queiroz parece ter feito o governo reduzir seu tom de enfrentamento. Desta forma, foi adotada uma postura mais amistosa por parte do presidente, que intensificou sua aproximação aos aliados do chamado Centrão na Câmara, buscando assim uma maior estabilidade do governo.

A redução dos atritos entre os poderes Executivo e Legislativo foi observada como um fator de arrefecimento das incertezas para o mercado, levando à elevação do apetite de risco por parte dos investidores locais, mesmo com o país alcançando quase 1,5 milhão de casos e 60 mil óbitos relacionados à pandemia. O Ibovespa, cuja valorização foi citada no 1º parágrafo, acompanhou o bom humor verificado no exterior, voltando a operar acima do patamar de 95 mil pontos. Durante o mês o Bacen reduziu a taxa Selic para a nova mínima histórica de 2,25% a.a. Esse movimento retira mais uma vez a atratividade dos investimentos em renda fixa, já bastante limitada, resultando em um interesse crescente por ativos de maior retorno.

A prorrogação do auxílio emergencial no montante de mais R\$ 100 bilhões aumentará novamente a pressão sobre as contas públicas. Esta é a medida anticrise adotada pelo governo durante a pandemia que mais demanda recursos. Seu custo já representa mais que o dobro do déficit primário registrado pelo governo no ano passado (R\$ 95 bilhões). A atividade econômica, conforme esperado, apresentou resultados expressivamente negativos. O Índice de Atividade do Banco Central (IBC-Br) para o mês de abril foi 15,1%

menor em relação ao mesmo período no ano passado. O isolamento social e o fechamento dos negócios elevaram a taxa de desemprego do trimestre para 12,9%, com uma redução de 7,2 milhões de pessoas na força de trabalho quando analisamos o intervalo de um ano.

No mundo, os ativos de risco mantiveram sua sequência de recuperação durante junho. O S&P 500 obteve uma alta de 1,84% no mês, garantindo o maior ganho trimestral do índice desde 1998 (mais de 19%). Já na Europa o STOXX 600 acumulou um ganho de 2,85% no mês. Novamente o grande fator que impulsionou os mercados foram os estímulos fiscais adotados pelos governos mundiais, necessários para mitigar os efeitos devastadores causados pela pandemia na economia. Os principais bancos centrais do mundo continuaram a demonstrar que irão usar todas as ferramentas possíveis para injetar liquidez nos mercados. Os programas de recompras de ativos e de títulos de dívidas têm sido uns dos principais meios de se atingir estes objetivos. A Europa continua a discutir o fundo de recuperação econômica de EUR\$ 750 bilhões e nos EUA, o governo Trump está avaliando um projeto de infraestrutura no valor de US\$ 1 trilhão.

A chegada da esperada segunda onda de contaminações pelo Coronavírus após a gradual reabertura dos mercados tem se mostrado como o maior fator de risco para a recuperação das economias globais. Nos EUA, vários estados renovaram seus recordes de taxas de contaminação, atrasando o processo de reabertura de suas economias.

Resumidamente, podemos concluir que os estímulos fiscais e monetários ao redor do mundo tem gerado uma corrida por ativos de risco, função das taxas de juros globais próximas de zero ou até negativas. Esse movimento chamado de “*risk on*” também tem sido impactado positivamente pela rápida reação da atividade em cidades que passaram por um movimento de reabertura, assim como pela recuperação da economia chinesa e do otimismo com uma possível obtenção da cura para a Covid-19 já durante o ano de 2021. O Brasil também está inserido nesse processo, através da migração constante de recursos da renda fixa tradicional para investimentos de maior retorno, com destaque para nossa bolsa de valores.

Os investidores globais parecem ter entendido que os estímulos vieram para ficar, e continuarão a ser utilizados sempre que surjam novas ondas de contaminação. Alguns dados recentemente divulgados relativos a maio mostram em certas regiões do mundo recuperações acima do esperado, o que tende a indicar que o pior da crise parece ter ficado para trás, ou seja, ao longo de abril. Sendo assim, supõe-se que na ocorrência de uma segunda onda em países onde a curva de contaminação já se inverteu, a mesma tenha um impacto econômico bem mais limitado que a primeira, e que também seja precedida mais a frente por nova retomada. A conclusão que podemos tirar é que as economias irão se recuperar, onde a principal dúvida passa a ser o ritmo em que esse processo acontecerá, provavelmente de forma mais lenta em países emergentes e mais rápida em países de 1º mundo.

Mais uma vez ressaltamos que o Brasil, mesmo em um momento de manutenção da curva de infectados próximo das máximas, com o número de casos decrescendo nas principais capitais e aumentando em direção ao interior, possui atualmente uma das bolsas de valores mais descontadas em dólar na comparação com o resto do mundo. Em nossa visão, o Ibovespa em dólar já precifica em muito nossa atual situação fiscal, econômica e sanitária.

A combinação da esperada melhora gradativa do cenário externo com o arrefecimento da crise política interna após o entendimento do executivo com o legislativo, mantém um ambiente favorável para a valorização de nossos ativos de risco. É importante lembrar que o investidor estrangeiro injetou recursos na Bovespa durante o início do mês de junho, após um enorme período de retiradas. Acreditamos que esse movimento só tenha se reduzido a partir da 2ª quinzena do mês devido ao aumento da probabilidade de uma 2ª onda no exterior. Portanto, é bastante provável que esse fluxo volte a ser positivo em maiores volumes mais cedo ou tarde.

Assim conforme ocorrido durante maio, o Rio Ações FIA continuou apresentando ótima rentabilidade ao longo do mês de junho. Permanecemos durante todo o período com a exposição comprada perto das máximas, conforme já tínhamos comentado na carta anterior. Praticamente não realizamos alterações relevantes na carteira de renda variável do fundo, que acreditamos estar bem balanceada para o cenário macroeconômico atual. A seleção das companhias permanece priorizando o investimento em ativos com alta e média liquidez, que possuam uma maior solidez financeira e que se destaquem em seus respectivos modelos de negócios.

Nosso portfólio segue investido em empresas cíclicas descontadas, ou seja, que possuem receita e/ou ativos em moeda estrangeira (24% do total), além daquelas com atuação no mercado interno (75% do total). Nesta segunda parte, estruturamos a carteira através da alocação de capital tanto em companhias com características de valor quanto de crescimento, pois entendemos que existem excelentes assimetrias de retorno para o médio prazo em ambas as filosofias de gestão.

O setor financeiro tem atualmente o maior peso em nosso patrimônio (28%), seguido por *utilities* (16%), mineração/ siderurgia (13%), consumo/ varejo (11%), construção civil (10%), educação (6%), telecom (4%), óleo/ gás (4%), alimentos (4,5%) e logística (2,5%).

As maiores contribuições para o fundo e seus respectivos ganhos ponderados durante o mês de junho vieram das ações de OI ON (+1,94%), Via Varejo ON (+1,23%), Banco Inter ON (+1,18%), Itaubanco PN (+1,03%), Cognia ON (+0,97%), Light ON (+0,94%), Helbor ON (+0,85%) e Trisul ON (+0,70%). O destaque negativo ficou por conta de CEB ON (-0,16%).

Continuamos bastante confiantes no desempenho futuro de empresas que atuam na área digital. A utilização destes serviços tem apresentado crescimento acelerado nos últimos anos, sendo que o isolamento social como consequência da pandemia incrementou ainda mais este processo durante os últimos quatro meses de 2020.

Neste contexto, vale destacar o modelo de negócios transformador que o Banco Inter possui, disponibilizando para sua base crescente de clientes uma gama enorme de soluções do dia a dia via plataforma digital, a custos extremamente competitivos e incluindo tanto serviços financeiros como não financeiros. O mesmo atingiu 5,9 milhões de correntistas ao final do 2º tri/ 2020, representando um crescimento de 132% sobre o mesmo período do ano anterior, sendo que um milhão de novas contas foram abertas somente no último trimestre.

Lançado há menos de um ano, seu *marketplace*, plataforma via aplicativo que reúne vendedores e prestadores de serviço em um único ambiente online, funcionando como um shopping virtual, deverá alcançar grande escala em um futuro próximo.

Nossas cartas anteriores estão disponíveis no site: www.riogestao.com.br

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.